

FINITUDE COMO IRONIA, UMA INDICAÇÃO BEAUVOIRIANA

JOSIANA BARBOSA ANDRADE¹; LUIS RUBIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – josyyandrade17@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luisrubira.filosofia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Buscaremos sugerir, ao longo deste texto, uma noção de finitude cujo fundamento seria a ironia, assumindo como ponto de partida algumas indicações beauvoirianas. A finitude, desde os primeiros cadernos de anotações aos últimos ensaios publicados de Simone de Beauvoir, foi um objeto de suas inquietações e reflexões filosóficas, ainda que não tenha elaborado um escrito teórico específico sobre o tema. Ao invés de aparecer, simplesmente, como um dado – sou finita – a finitude lhe apareceu como questão – o que significa ser finita? O que é isso que a cada instante vivido faz parecer que estou perdendo a mim mesma? Ser finita é perder-se sem poder recuperar a si mesma?

“A vida é uma perpétua renovação” (CJ, p. 53)¹, constatou a jovem Simone de Beauvoir, ao refletir sobre o “minuto transcorrido” que lhe parecia “realmente perdido”. À época, a finitude lhe surgia, por assim dizer, com as vestes da morte; sentia-a como uma irremediável perda de si – uma espécie de morrendo-se, em vida, rumo à morte. Como ganhar gravidade de si, se não é permitido uma parada? A *perpétua renovação* lhe era menos uma graça do que um castigo. Com o passar do tempo, porém, perceberá o contrário, de modo que a finitude não aparecerá mais com as vestes da morte, e sim com as da ironia.

Apesar de não ter escrito um ensaio teórico específico sobre a finitude, Simone de Beauvoir elaborou um romance metafísico, *Todos os homens são mortais* [1946]. Nele, por meio das atitudes da personagem principal, Fosca, é-nos permitido compreender, a nosso ver, uma diferença entre finitude e mortalidade. No decorrer da narrativa, Fosca se torna imortal, mas isso não faz dele um absoluto, um infinito, ao contrário: evidencia a sua condição de ser um ser finito. De sua situação de imortalidade não se segue uma modificação das condições terrenas – tempo, espaço e história. Suas ações e suas relações com os outros no mundo permanecem finitas. Seus amigos, seus amores e seus familiares morrem levando consigo uma parte da história dele; e suas ações, seus projetos, sempre possuem um fim, fazendo-o sempre recomeçar, de novo, de novo e de novo. Isso porque *finitude* e *mortalidade* não significam a mesma coisa. Esta é, podemos dizer, por ora e pela superfície, a condição que expressa a finalização da finitude, ao passo que aquela é a condição que permite a criação de sentido para vida humana. O romance, com isso, aparece-nos como uma apologia da finitude e uma evidência de que Simone de Beauvoir se preocupou, filosoficamente, com ela.

Todavia, por sabermos que Simone de Beauvoir só escrevia um romance metafísico quando queria expressar um aspecto vivido da existência com suas contradições e ambiguidades, sem a pretensão de uma teorização, e um ensaio teórico

¹ Utilizaremos as seguintes abreviaturas das obras de Simone de Beauvoir: (CJ) = *Cahiers de jeunesse*; (PC) = *Pirro e Cineias* (MEE) = “Mi experiencia como escritora”

quando queria, ao contrário, descrever aspectos da condição humana sem contradições ou ambiguidades – e fazia isso quando tinha clareza acerca do assunto (MEE, p. 442), direcionaremos a nossa atenção, aqui, ao seu ensaio *Pirro e Cineias* [1944], sob a ênfase do tema da finitude, haja vista o nosso objetivo.

Essa diferenciação beauvoiriana entre a elaboração de um romance e a de um ensaio indica, do ponto de vista do método, os limites e as possibilidades para com a sua filosofia escrita. Se ela escolheu escrever um romance, ao invés de um ensaio, para desenvolver especificamente sobre o tema da finitude, não nos é lícito afirmar que ela conceitualizou a diferença que estamos a propor, a partir dele, entre finitude e mortalidade, mas tão-somente que criou um ponto de partida que nos permite fazê-lo. Dessa diferenciação nos deteremos somente na noção de finitude, buscando desvelá-la mediante as indicações que a filósofa realizou em seu ensaio supracitado.

2. METODOLOGIA

Em nossa pesquisa, estamos a utilizar o método que propomos em *Um retorno a Simone de Beauvoir: estudo do drama da coexistência à luz da gênese e estrutura da filosofia beauvoiriana* [2022], que consiste em uma combinação procedimental dos métodos estrutural e genético, cujo movimento é o de ler a obra de Simone de Beauvoir a partir de suas próprias estruturas associado ao de como ela tornou-se o que é. A partir de um estudo das estruturas constituintes da filosofia beauvoiriana o seu tempo lógico foi revelado – o progressivo-conversivo – possibilitando uma compreensão possível de sua gênese, de modo que há uma relação de interdependência entre estrutura e gênese, sem que esta seja suficiente para se compreender aquela. Com a descoberta do tempo lógico beauvoiriano como progressivo-conversivo, tornou-se razoável a ideia de que a filósofa converteu muitas de suas inquietações existenciais, o que inclui o seu período da juventude, em problemas filosóficos. Ao respondê-los, em seus escritos teóricos, elaborava hipóteses, teses, noções e conceitos; e ao expressá-los em seus escritos literários, mostrava-os a fim de revelar aos seres humanos problemas existenciais – e filosóficos – vinculados à condição humana geral.

Seu tempo lógico forma um movimento em que, no presente, o passado é retomado visando o futuro aberto. Sua obra como um todo se constitui como uma totalidade-destotalizada, cujo lógica estruturante é a assunção do movimento contínuo de transcendência que exige uma conversão, mas não um repouso absoluto. Um livro de Simone de Beauvoir é, ao mesmo tempo, fim e meio. Por isso, à diferença de alguns métodos estruturais, dentro os quais se encontra o de Victor Goldschmidt (1970), não tomamos como tarefa uma análise das *teses* (conteúdo cristalizado), mas dos *problemas* (conteúdo cristalizando-se) que, a cada tentativa de resposta, se renovam, apontando tanto para uma continuidade quanto para uma descontinuidade dentro de um pensamento. Assumir como *ponto de partida* a tese, ao invés do problema, ocasiona dificuldades para pensar a relação entre estrutura e gênese, porque o resultado tende a se sobressair ao processo, ainda que esse processo faça parte também de seu objeto de análise. Não ao acaso, Goldschmidt concebeu como incompatível a relação entre o estudo estrutural e o genético; a nosso ver, isso se deve, em parte, à sua compreensão da filosofia como uma sistema que seria um conjunto de teses. Partindo-se do problema, torna-se compreensível, por exemplo, que, em sua juventude, a filósofa não estava prenhe de suas futuras respostas aos seus problemas filosóficos, mas que as suas inquietações

foram retomadas e convertidas, trazendo ao mundo hipóteses, teses, noções e conceitos que refletem uma inquietação dentro da história de seu pensamento. O fio condutor, mesmo analisando as teses – o que é indispensável – permanece sendo o problema.

No caso da finitude, é-nos possível identificar que se trata de uma inquietação que aparece nos cadernos da juventude de Simone de Beauvoir. Disso não se segue, porém, que ali ela já era um problema filosófico. É somente na medida em que vamos analisando o conteúdo dos ensaios que se torna evidente que a finitude se tornou um problema filosófico. Para isso, faz-se necessário um estudo de reconstrução do pensamento, assumindo o postulado de que é a estrutura de uma obra que indica a sua gênese, e não o contrário. É certo que a jovem Simone de Beauvoir não sabia que se tornaria uma filósofa existencialista; mas é certo também que a filósofa, ao elaborar seu pensamento, reconheceu as inquietações da jovem, comunicando-se com ela, fazendo surgir daí continuidades e discontinuidades, que se revelam na relação progressiva-conversiva entre os problemas e as respostas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de uma passagem de *Pirro e Cineias* tornou-se possível elaborarmos a nossa hipótese da noção de finitude como ironia. Nessa passagem, Simone de Beauvoir afirma que,

o nada que minha angústia me revela não é o nada de minha morte; é âmagô de minha vida, a negatividade que me permite transcender incessantemente toda transcendência; e a consciência desse poder se traduz não pela assunção de minha morte, mas muito por esta 'ironia' [*ironie*] de que falam Kierkegaard ou Nietzsche: mesmo que eu fosse imortal, restaria que eu tentasse identificar-me com a humanidade imortal, restaria que todo fim é um ponto de partida, toda superação, objeto a ser superado, e que, nesse jogo de relações, não há outro absoluto que não a totalidade dessas próprias relações emergindo no vazio, sem sustentação (PC, p. 63 / PC, p. 167).

Aqui, podemos dizer três coisas.

Primeiro, a filósofa realizou uma associação entre o incessante movimento de transcendência e a ironia. Esse movimento incessante pode ser compreendido também como a finitude que expressa a renovação perpétua temporal. Ao aperceber-se desse movimento que revela o nada da existência – que não é o nada da morte – o existente descobre a ironia que habita a finitude. A finitude humana é, dentro das condições terrenas, infinita. O que o nada da existência revela não é um lembrete da morte à espreita, mas a finitude irônica, que não permite ao ser humano um repouso absoluto de si. O que o torna finito não é a sua condição de ser mortal, mas o de habitar o tempo como ser cuja condição é ser uma falta de ser.

Segundo, ao utilizar a noção de ironia, entre aspas, ela o faz mencionando Kierkegaard *ou* [ou] Nietzsche. Esse “ou” indica-nos que, a seu ver, ambos os filósofos compartilhavam da mesma concepção de ironia da qual ela estaria se aproximando; e as aspas na palavra *ironia*, um certo distanciamento da própria noção utilizada. Seria necessário fazer um exame das duas hipóteses. Kierkegaard e Nietzsche compartilhavam da mesma noção de ironia? Por que Simone de Beauvoir, ao utilizar a noção de ironia, o fez se distanciando?

Terceiro, é-se apresentada uma ideia que ela retomará e problematizará em *Todos os homens são mortais* – o que expressa seu movimento de progressão-conversiva – da finitude como expressão da ironia e não da morte. “*Mesmo que eu fosse imortal, [...] restaria que todo fim é um ponto de partida*”. Nesse trecho, o uso da imortalidade como experimento imaginário aparece para explicitar, ainda mais, a condição humana da finitude.

4. CONCLUSÕES

Ao propormos uma noção de finitude cujo fundamento seria a ironia, a partir de indicações da filosofia beauvoiriana, ser-nos-á possível desvelar não somente um aspecto pouco evidenciado dessa filosofia, mas também explicitar uma confusão entre as noções de finitude e morte que atravessou a história da filosofia. Afirmar que finitude expressa a ironia, ao invés da morte, implica consequências decisivas no que concerne às dimensões especulativa e prática da vida humana. Enquanto a confusão entre finitude e morte pode conduzir à ausência de sentido da vida, a associação entre finitude e ironia pode, a nosso ver, conduzir à possibilidade de criação de sentido, de modo que a nossa proposta se revela relevante para questões desde um ponto de vista da ontologia ao da moral.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J. **UM RETORNO A SIMONE DE BEAUVOIR: ESTUDO DO DRAMA DA COEXISTÊNCIA À LUZ DA GÊNESE E ESTRUTURA DA FILOSOFIA BEAUVOIRIANA**. 2022. 315 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Pelotas.
- DE BEAUVOIR, S. **CAHIERS DE JEUNESSE**. Paris: Gallimard, 2008.
- _____. **PYRRHUS ET CINÉAS**. Paris: Gallimard, 1949.
- _____. **PIRRUS E CINEIAS**. Trad. Marcelo J. de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____. **TODOS OS HOMENS SÃO MORTAIS**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. “**Mon expérience d’écrivain**”. In: FRANCIS, C. GONTIER, F. **LES ÉCRITS DE SIMONE DE BEAUVOIR**. Paris: Gallimard, 1979.
- GOLDSCHMIDT, V. “Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. **A RELIGIÃO DE PLATÃO**”. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.